# Javan e a origem do povo jônio

*Dennis Bessada*

*E macar éu estas dúas non ei*
*com' éu querría, pero provarei*
*a mostrar ende un pouco que sei,*
*confiand' en Déus, ond' o saber ven;*
*ca per ele tenno que poderei*
*mostrar do que quéro algũa ren.*[1]

Prólogo B das Cantigas de Santa Maria, do Rei Alfonso X, El Sabio

## I. Preâmbulo

Em discurso proferido no Parlamento Federal da Alemanha em setembro de 2011, o Papa Emérito Bento XVI resumiu de forma brilhante a formação cultural da Europa:

> A cultura da Europa nasceu do encontro entre Jerusalém, Atenas e Roma, do encontro entre a *fé no Deus de Israel*, a *razão filosófica dos Gregos* e o pensamento jurídico de Roma (*Discurso do Papa Bento XVI ao Parlamento Alemão*, grifos meus)[2].

Desta tríplice herança europeia a Tradição Cristã fundamenta-se nas duas primeiras: a fé no Deus de Israel que, revelada pelas Sagradas Escrituras, traduz-se para a Razão por meio da Filosofia. Façamos agora uma breve exposição a respeito destas augustas heranças.

A *fé no Deus de Israel* remonta ao Patriarca Abraão, com o qual Deus firmou a Antiga Aliança, transmitida de geração em geração ao povo hebreu até atingir sua codificação final na *Torah* (Livro da Lei, em hebraico, ou *Pentateuco*, em grego) recebida por Moisés no Monte Sinai segundo Tradição judaico-cristã. Esta Aliança seria renovada mediante a vinda do Messias, o Ungido de Deus (*Mashiach* em hebraico, e *Christos* em grego), que seria descendente da Casa Casa Real de David conforme a revelação de Deus ao profeta Natã (2 Sm. 7:12).

---

[1] E ainda que eu não tenha essas duas qualidades / tal como quisera ter, entretanto provarei
Em mostrar adiante o pouco que sei / confiando em Deus, donde o saber vem
Pois por Ele suponho que poderei / mostrar algo do que mostrar quero.

[2] Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110922_reichstag-berlin.html. Acessado em 20.VIII.2017.

O Rei David descendia de Abraão, e entre o Patriarca e o Verbo Encarnado, Jesus Cristo, passaram-se 27 gerações (Mt 1:1-17). É através de Nosso Senhor Jesus Cristo que a Nova Aliança fora estabelecida para a salvação do homem e a remissão de seus pecados.

Já a Filosofia teve como nascedouro a antiga Jônia, onde na cidade de Mileto os filósofos Tales (c. 620—546 a.C.), Anaximandro (c. 610—546 a.C.) e Anaxímenes (588—524 a.C.) inauguraram a via da especulação racional sobre o princípio de todas as coisas. Se tais filósofos primevos buscavam perscrutar os segredos da natureza – por isso eram chamados de *físicos* ou *filósofos naturais* –, é com Sócrates (469—399 a.C.) que se inicia a reflexão sobre os valores e as virtudes humanas. A Filosofia Grega encontra seu fastígio sob Platão (427—347 a.C.) e Aristóteles (384—322 a.C.), que produziram uma vasta obra acerca de diversos temas, como o conhecimento, a virtude, o ser, a política, etc.

Estas duas tradições, a da Fé e a da Razão, não colidem entre si; pelo contrário, "para os filósofos e teólogos cristãos o domínio da fé nem sempre é distinto do da razão[3]". Para Santo Tomás de Aquino (1225—1274), um dos luminares da Filosofia e da Teologia,

> "O objetivo da Filosofia não é saber o que os homens pensaram, mas sim qual é a verdade das coisas"; ademais, "o gênio do homem avançou passo a passo na descoberta das origens das coisas", de modo que é conveniente utilizar seus esforços, pois "sem dúvida, aquilo que um só homem pode contribuir por meio de seu trabalho e de seu gênio ao progresso da verdade é de pouca monta em relação ao conjunto da ciência; entretanto, a coordenação, a escolha e a reunião de todos esses elementos fizeram algo de grandioso, testemunho das diversas ciências que, pelo trabalho e sagacidade de muitos, alcançaram um maravilhoso desenvolvimento"; isto, porque "faz-se necessário receber a opinião dos antigos, quaisquer que sejam, pois são duplamente úteis: em nosso benefício nós aceitaremos aquelas que são boas, e nos guardaremos daquelas que forem mal expostas". (Santo Tomás de Aquino, *apud* F.-J. Thonnard, *op.cit.*, p. 3)

Sendo o objeto da Filosofia a *verdade das coisas*, nada mais natural para nós, cristãos, empregá-la na compreensão *da* Verdade encarnada em Jesus Cristo: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (Jo 14:6). Isso significa dizer que não basta apenas *compreender* a Verdade, mas *buscá-la* percorrendo o Caminho, que é Cristo. Fé e razão aqui se juntam, conforme a fórmula que Santo Agostinho (354—430) dá em seu Sermão 43: "*para entender é necessário crer, e para crer é necessário entender*"[4]. Ademais, segundo outro luminar da Tradição Cristã, Santo Isidoro de Sevilha (560—636),

[3] Cf. F.-J. Thonnard, *Précis d'Histoire de la Philosophie*. Paris: Societé de S. Jean Évangeliste, 1955, p. 1.
[4] Saint Augustine, *Sermons, 20-50 (III/2)*. Trad. E. Hill. New York: New City Press, 1991.

> [A] Filosofia é o conhecimento das coisas humanas e divinas acompanhado do desejo de levar uma vida irreprochável. (*Etim.*, II.24)[5]

O desejo de uma *vida irreprochável*, baseada nos ensinamentos do Cristo é um dos fundamentos da moral cristã.

Esta síntese superna entre fé e razão, revelação e reflexão, cunhada ao longo dos séculos pelo exemplo de vidas santas e pelas elaborações de mentes brilhantes, encima um edifício erigido sobre dois alicerces que parecem possuir origens em povos separados por um abismo temporal e espacial. É meu objetivo aqui argumentar que ambas as tradições provêm de um mesmo povo que se dispersou na noite da História. Para lograr este intento comecemos por investigar as origens do povo jônio para, em seguida, buscar sua verdadeira origem na descendência de Noé.

## II. Das origens míticas do povo jônio

A origem de cada um dos povos antigos está imersa nas brumas da história. Além de alguns vestígios arqueológicos esparsos, as narrativas mitológicas ocultam em seu bojo indícios da verdade histórica que podem ser posteriormente investigados. Um exemplo típico desse fato – apesar de não estar relacionado à origem dos referidos povos – foi a descoberta das ruínas de Troia por Heinrich Schliemann nos idos de 1870[6]. Schliemann encontrou o sítio das ruínas a partir dos relatos na Ilíada de Homero, o que mostra de forma cabal que mitos não são apenas narrativas fantasiosas. No caso específico da origem do povo grego, o mito fundante encontra-se descrito na *Biblioteca* de Apolodoro[7], além das descrições narradas na *Geografia* de Estrabo e na *Descrição da Grécia*[8], de Pausânias.

Apolodoro narra a tragédia de Prometeu, o sagaz filho dos Titãs Jápeto e Ásia, irmão de Atlas (aquele que suporta o Céu sobre os ombros) e do limitado Epimeteu. Prometeu moldara uma raça de homens a partir do barro e da água, e para eles roubou o fogo do céu sem a anuência de Zeus. Ao dar-se conta do ocorrido, Zeus ordenou seu filho Hefestos, o artífice dos deuses, a acorrentar Prometeu no Monte Cáucaso; como castigo, Prometeu teria seu fígado devorado diariamente por uma águia, o qual se restauraria durante a noite para

---

[5] Cf. San Isidoro de Sevilla, *Etimologías*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2009, pp. 384-5.

[6] Cf. C.W. Ceram, *Gods, Graves & Scholars: The Story of Archaeology*. 2ª Ed. Trad. E. B. Garside e S. Wilkins. New York: Vintage Books, 1986, p. 30ff.

[7] Apollodorus, *The Library I*. Trad. J. G. Frazer. Volume 121 da Loeb Classical Library.

[8] Pausanias, *Description of Greece*, Livros 6-8.21. Trad. W. H. S. Jones. Volume 272 da Loeb Classical Library.

ser novamente devorado no dia seguinte[9]. Mas a sanha de Zeus não estava completa; ele almejava também destruir a raça dos homens da Idade do Bronze. Prometeu havia instruído seu filho, Deucalião, rei de Ftia, a construir uma arca, e nela embarcou com sua esposa Pirra, filha de Epimeteu e Pandora, a primeira das mulheres[10]. Narra Apolodoro:

> Mas Zeus despejou dos céus uma forte chuva que, ao inundar a maior parte da Grécia, destruiu a maior parte dos homens, exceto alguns poucos que conseguiram escapar para as altas montanhas na vizinhança. (...) E a arca de Deucalião, que errou pelas águas por nove dias e tantas outras noites, chegou ao Parnaso e, assim que as chuvas cessaram, desembarcou Deucalião, realizando um sacrifício a Zeus, deus da fuga. Zeus enviou-lhe seu filho Hermes e concedeu-lhe a realização de um desejo: Deucalião pediu que a raça humana fosse recriada. Sob as ordens de Zeus Deucalião e Pirra tomaram algumas pedras e as jogaram sobre as suas cabeças: as que Deucalião lançou tornaram-se homens, e as que Pirra lançou tornaram-se mulheres. (*Apollod, 1.7.1-2*).

Deucalião e Pirra tiveram três filhos: o primogênito Heleno, Anfíction e Protogenia. Aqueles que eram chamados de gregos passaram a ser chamados de *helenos* após Heleno, que com a ninfa Orseis gerou três filhos, Doro, Xuto e Éolo. Heleno dividiu o país entre seus filhos, e Xuto recebeu como quinhão o Peloponeso. Com a filha de Erecteu, Creusa, Xuto teve dois filhos, *Aqueu* e *Ion* (*idem*, 1.7.3). Ademais, segundo Pausânias,

> Após a morte de Heleno, Xuto foi expulso da Tessália por seus irmãos, que o acusaram de se apropriar de parte da propriedade ancestral. Mas ele fugiu para Atenas, onde foi considerado digno de esposar a filha de Erecteu, com quem teve dois filhos, Aqueu e Ion. (...) [Xuto] então fixou morada em Egialeia [região da Acaia no Peloponeso] até sua morte. Seu filho Aqueu retornou para a Tessália e lá recuperou o trono de seus pais com o auxílio de aliados de Egialeia e Atenas; já seu outro filho, Ion, reunia um exército para combater o rei Selinus de Egialeia. Contudo, Selinus ofereceu a Ion a mão de sua única filha, Helice, e propôs adotá-lo como seu filho e sucessor. Ion aceitou, e após a morte do sogro tornou-se rei de Egialeia. Ele fundou uma cidade que nomeou Helice em homenagem à sua esposa, e chamou de *jônios* seus habitantes. (...) Os descendentes de Ion tornaram-se os senhores dos jônios até que eles e seu povo fossem expulsos pelos aqueus. (...) Os jônios foram para a Ática, onde então receberam permissão dos atenienses e de seu rei Melantus, filho de Andropompo, para lá se estabelecerem (...). (*Paus. 7.1.2-5; 9*).

Esta é então a história da origem do povo jônio conforme relatada pelas fontes clássicas. Da Ática os jônios partiram para posteriormente conquistarem a cidade de Mileto, futuro berço da Filosofia.

---

[9] Vide Aeschylus, *Prometheus Bound*. Trad. H. W. Smith. Volume 145 da Loeb Classical Library; Apollodorus, *op. cit.*, 1.7.1.

[10] Cf. Hesiod, *Works and Days*, 42-105. Trad. H. G. Evelyn-White. Volume 57 da Loeb Classical Library.

## III. Da descendência de Noé

O relato do dilúvio enviado por Zeus para destruir a raça humana descrito na seção anterior encontra paralelo não apenas na Bíblia, mas também em outras narrativas antigas, como no *Atrahasis* acádio-babilônico, na qual este personagem é instruído pelo deus Ea a também construir uma arca para se salvar do dilúvio[11]. O historiador romano de origem judia Flávio Josefo afirma, em sua obra *Antiguidades Judaicas*[12],

> Todos os bárbaros que escreveram histórias fizeram menção a este dilúvio e à arca, entre os quais citamos Berosso, o Caldeu. (...) Jerônimo, o Egípcio, que escreveu as Antiguidades Fenícias, também; além de Mnasseas e muitos outros mais mencionam o mesmo fato. (Joseph. AJ I.3.6).

Vemos assim que o tema do Grande Dilúvio permeou várias narrativas, como a de Atrahasis, Deucalião e Noé, dentre outras; ademais, o testemunho de Josefo mostra que alguns historiadores antigos também trataram do mesmo assunto. Tais elementos indicam a ocorrência não apenas de um dilúvio de proporções épicas na Antiguidade, mas também apontam para um homem que logrou salvar sua vida no episódio.

No caso específico da narrativa bíblica a ação punitiva impetrada pelo dilúvio correspondeu ao cumprimento da Justiça Divina, pois a corrupção crescente da descendência de Adão decepcionou o Criador, levando-O às margens de exterminar a raça humana[13]:

> 5E Deus viu que a maldade do homem era grande na terra, e toda a imaginação de seu coração era má todo o tempo. 6E Deus lamentou-se de ter criado o homem, e Seu coração sofreu dolorosamente. 7E Deus disse "Eliminarei da face da terra o homem que criei, e com ele os animais e as aves do céu, pois arrependi-Me de tê-los criado". (...) 11A terra estava corrompida diante de Deus, estava repleta de violência. 12E Deus olhou para a terra, e viu que havia se corrompido, pois toda a carne havia se corrompido ao longo de seu caminho sobre a terra." (*Gn. 6:5-7;11-12*).

Porém, sendo Deus também a essência da Misericórdia, ele poupa Noé e sua descendência, já que

---

[11] Vide, *e.g.*, o *mito de Atrahasis*, em Stephanie Dalley, *Myths from Mesopotamia: Creation, the Flood, Gilgamesh, and Others*. Ed. rev. Oxford: Oxford Univ. Press, 2009, p. 9.

[12] Flavius Josephus, *Jewish Antiquities, Books I-IV*. Trad. H. St. J. Thackeray. Volume 242 da Loeb Classical Library.

[13] Todas as citações do Antigo Testamento foram retiradas da "*The Complete Tanach with Rashi's Commentary*", disponível em http://www.chabad.org/library/bible_cdo/aid/63255/jewish/The-Bible-with-Rashi.htm. Acessado em 24.VIII.2017.

> [8](...) Noé conquistara graças aos olhos do Senhor. [9]Estas são as gerações de Noé, que era um homem reto e perfeito em sua geração; Noé andava com Deus. [10]E Noé teve três filhos: Sem, Cam e Jafet. (*Gn. 6:8-10*).

Deus então ordena a Noé a construção de uma arca para que salvasse juntamente com sua família e com um par de todos os animais da terra, pois sobre ela irromperia um dilúvio jamais visto:

> [17]E Eu trarei o dilúvio, água sobre a terra, para destruir toda a carne na qual haja o sopro de vida abaixo do céu. Tudo o que há sobre ela perecerá. [18]E estabelecerei contigo uma aliança, e entrarás na arca juntamente com sua esposa, seus filhos e respectivas esposas. (*Gn. 6:17-18*).

O dilúvio erradicou todos os seres vivos fora da arca, exceto Noé e seus familiares, e os pares de animais que se encontravam na arca. Após um ano e dez dias do início do dilúvio, desembarca em terra firme Noé e sua família, além dos animais que haviam sido salvos. Os filhos de Noé eram Sem, Cam e Jafet, e seriam seus pósteros quem repovoaria o mundo:

> [1]E Deus abençoou Noé e seus filhos, e disse-lhes: "sede fecundos e multiplicai-vos, e povoai a terra (...) [7]E vós, sede fecundos e multiplicai-vos; difundam-se pela terra e multiplicai-vos nela". (*Gn. 9: 1;7*).

Nas *Antiguidades Judaicas* Josefo relaciona as origens dos vários povos conhecidos aos pósteros de Noé:

> Então foram aos netos de Noé que coube a honra de nomear as nações, aos primeiros que tomaram posse delas. Jafet, filho de Noé, teve sete filhos: a princípio habitaram nas montanhas Taurus e Amanus, para então rumarem para a Ásia até os limites do rio Tanais; pela Europa rumaram para Cádiz: ao se estabelecerem nas terras que desbravaram e que jamais haviam sido habitadas, nomearam as nações segundo seus próprios nomes. Pois Gomer fundou as nações que os gregos agora denominam Gálatas, mas que eram chamadas de Gomeritas. Magog fundou as que foram chamadas Magogitas, mas que os gregos denominam por Citas. Em relação a *Javan* e Madai, filhos de Jafet: de Madai vieram os Medos, conforme chamados pelos gregos, e de *Javan procederam a Jônia e todos os demais gregos*. (Joseph. AJ I.6.1, grifos meus)

Prossegue Josefo, baseando-se em Gn 10: 21-31,

> O terceiro filho de Noé, Sem, teve cinco filhos que habitaram a terra que começava no Eufrates e se estendia até o Oceano Índico. Elam deixou atrás de si os Elamitas, ancestrais dos persas. Ashur viveu na cidade de Nínive, e chamou seus súditos de Assírios, que formaram a mais afortunada nação entre as demais. Arfaxad deu nome aos Arfaxaditas, agora conhecidos como Caldeus. Aram originou os Arameus, que os gregos chamam de Sírios; Lud deu origem aos Ludeus, que agora se chamam Lídios. (...) Arfaxad tinha Salá como filho, que por sua vez tivera Éber,

> de quem originariamente se deriva o nome de Hebreus para se referir aos judeus. Éber teve Joctã e Peleg. (...) O filho de Peleg, cujo pai era Éber, era Reú, cujo filho era Serug, pai de Naor; Naor teve Terá como filho, que por sua vez foi pai de Abraão, o décimo a partir de Noé. (*idem*, I.6.5-6, grifos meus)

Nos trechos destacados acima vemos que ambos os povos, o grego e o hebreu, derivam do mesmo pai comum – Noé – através de seus netos Javan e Arfaxad (e, deste último, até Éber), respectivamente. No Antigo Testamento encontramos várias menções à Grécia como Javan, conforme os versículos abaixo extraídos do Livro de Daniel:

> E o bode é o rei da Grécia (מֶלֶךְ יָוָן), e o chifre que tem entre os olhos é o primeiro rei. (Dn. 8: 21).

> E ele disse "Sabes por que vim à ti? E agora retornarei à batalha contra o príncipe da Pérsia; então partirei, e virá o príncipe da Grécia (שַׂר־יָוָן)". (Dn. 10: 20)

> E agora lhe digo a verdade. Três outros reis surgirão na Pérsia, e o quarto tornar-se-á rico, com imensa fortuna, e quando se fortalecer com seus tesouros levantar-se-á contra o reino da Grécia (מַלְכוּת יָוָן) (Dn. 11: 2)

Em hebraico, "rei da Grécia" é *Melekh Iavan* (מֶלֶךְ יָוָן), "príncipe da Grécia" é *Sâr Iavan* (שַׂר־יָוָן), e "reino da Grécia" é *Malkhut Iavan* (מַלְכוּת יָוָן); logo, a relação entre o país "Grécia" e Javan é notória. Conforme mencionamos na seção anterior, era comum na Antiguidade atribuir o nome de uma nação ou a um pai fundador, ou a um rei, e assim Josefo o fez (fundamentado na fonte bíblica), relacionando Javan aos jônios e gregos, do mesmo modo que Apolodoro e Pausânias atribuíram este mesmo feito a Ion.

A Tradição judaico-cristã assim liga a origem do povo jônio ao neto de Noé, Javan. Além da aceitação deste fato por meio da fé, poderíamos demonstrá-la de algum outro modo? A resposta é positiva, e a demonstração será feita na próxima seção.

## IV. Javan e Ion

Para efetuarmos nossa demonstração faremos uma análise da palavra Javan usando a estrutura do idioma hebraico[14]. O idioma hebraico é formado por 22 letras e, como sói ocorrer nas línguas semíticas – ou seja, as línguas dos povos que descendem de Sem, filho de Noé – não há vogais, apenas consoantes. Apenas a palavra falada é vocalizada. Entretanto, uma palavra com as mesmas letras pode ser vocalizada de formas diferentes – e, por consequência,

[14] Vide, *e.g.*, T. O. Lambdin, *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005.

apresentará significados distintos. Um exemplo é a palavra formada pelas letras ר ח ב (transliteração: R-Ch-B[15]); como é característico dos idiomas semíticos, toda palavra hebraica é sempre lida da direita para a esquerda. Assim, ר ח ב pode ser vocalizada *rochab* ou *rechob*. No primeiro caso, *rochab* significa "largura", "extensão", "espessura". Já *rechob* significa "praça". Do mesmo modo, a palavra ק ב ר (transliteração: K-B-R) pode ser vocalizada como *kabar*, que é o verbo "enterrar". Se for vocalizada como *keber* significará "cova" ou "sepulcro".

Se no discurso falado as palavras podem ser distinguidas com facilidade, a leitura da palavra escrita exige não apenas uma boa instrução do idioma hebraico, mas também o conhecimento da tradição oral. Após a Segunda Diáspora (70 d.C.), entretanto, o nível de alfabetização do hebraico entrou em declínio, e a solução encontrada para se auxiliar a pronúncia das palavras foi a adoção de um sistema de pontos e linhas para a representação das vogais (*nekudot*)[16]. Retornando aos exemplos que enumerei acima, ao empregar os sinais vocálicos a palavra ר ח ב passa a ser escrita como רֹ חַ ב para *rochab* e רְחֹב para *rechob*: de uma palavra indeterminada e aberta, passa-se para uma determinada e restrita. Assim,

> A raiz hebraica, formada geralmente de três consoantes espaçadas, abre um campo de significações de uma amplitude extraordinária; ela permite múltiplas leituras, permanecendo, no começo – em seu estatuto não-vocalizado –, em uma indeterminação positiva.
>
> Assim, o hebraico apresenta um caráter inacabado que exige do leitor um acabamento. As vogais – ou, mais exatamente, os pontos-vogais – encerram a indeterminação e a abertura da raiz e produzem, quando de sua introdução, um som e um sentido muito mais restritos, permitindo a comunicação verbal (...)[17]

É a partir desta amplitude de significações do idioma que me valerei para interpretar a palavra Javan. Primeiramente, Javan é uma forma aportuguesada do equivalente hebraico, *Iavan*. Isso posto, com os sinais vocálicos a palavra Iavan é escrita do seguinte modo:

יָוָן

[15] A letra hebraica *Chet*, ח, é usualmente transliterada por "*ch*", que tem som similar ao *ch* alemão ou ao do *j* espanhol.

[16] Cf. http://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/3087993/jewish/Why-No-Vowels-in-the-Torah.htm. Acessado em 24.VIII.2017.

[17] Cf. M. A. Ouaknin, *Biblioterapia*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 212.

Assim, a primeira letra é *Yud*, יִ, e tem como correspondente a letra latina Y; o sinal vocálico abaixo de *Yud* é chamado de *kamets*, ָ, e indica a vogal *a*; logo, יָ lê-se "*Ia*". A segunda letra é *Vav*, וָ, e corresponde à letra V. Com o *kamets* embaixo do *Vav*, וָ, lê-se "*Va*". A última letra é *Nun*, נ, e corresponde à letra N. Quando escrita no final de uma palavra a forma da letra *Nun* modifica-se para a *Nun sofit*, ן; então, juntando-se estas três letras com seus sinais vocálicos obtemos יָוָן, "*IaVaN*", cuja raiz é *YVN*, *i. e.*,

יוָן

em hebraico. Escrita sob esta forma podemos, conforme já mencionei acima, completar a palavra com outros sinais vocálicos para assim obter novas significações. Antes de fazermo-lo, é mister tecer alguns comentários sobre a importantíssima letra *Vav*, וָ. Além de consoante correspondente ao V latino, *Vav* desempenha também o papel das vogais O e U; o primeiro caso ocorre quando acima de *Vav* posiciona-se um ponto (chamado *cholam*)[18], וֹ, ao passo que no segundo o ponto é posicionado na parte central da letra (o *shuruk*), וּ. Consequentemente, na palavra Iavan o *Vav* com *kamets*, וָ pode ser trocado pelo *Vav* com *cholem*, וֹ, por exemplo. Por fim, dentre as possibilidades de escrita de *Yud* com algum outro sinal vocálico, podemos posicionar um ponto abaixo da letra, assim formando o *Yud* com *chirik*, יִ, que equivale à letra "*i*".

Deste modo, a partir da raiz *YVN* de Iavan podemos escrever, após as considerações acima,

יִוֹן = ION.

Assim,

יוָן = יָוָן = IAVAN = יִוֹן = ION,

[18] A vogal *o* também pode ser formada pela adição do *cholem* (ponto superior) à letra que forma uma dada sílaba, *e.g.*, דֹ, *do*, ou לֹ, *lo*.

o que nos permite concluir que a palavra Ion, vertida ao hebraico, possui a mesma raiz *YVN*, ou י ו ן, da palavra Iavan!

Entretanto, poder-se-ia objetar a análise precedente pelo fato de Ion não ser uma palavra hebraica[19]; podemos responder esta objeção facilmente retomando a origem histórica do alfabeto grego. Com efeito, tanto a tradição clássica, que remonta a Heródoto, quanto os acadêmicos modernos concordam em atribuir uma origem semítica ocidental ao alfabeto grego, similar à do alfabeto hebraico, consenso esse que se baseia nos seguintes pontos:

> (a) De acordo com a tradição grega, os caracteres alfabéticos – chamados de *phoeinikeia grammata* (letras fenícias) ou *kadmeia grammata* (letras de Cadmo) –, juntamente com outras artes foram introduzidas por fenícios que vieram à Grécia por meio de um personagem chamado Cadmo.
> (b) Os nomes das letras *Alfa*, *Beta*, *Gamma*, *Delta*, etc, não possuem significado em grego, mas a maioria de suas equivalentes semíticas *Alef*, *Beth*, *Gimmel*, *Dalet*, etc, são palavras semíticas.
> (c) A sequência das letras no alfabeto grego é basicamente idêntica à da ordem alfabética fenícia (iguais ao hebraico e aramaico).
> (d) As formas das letras gregas ancestrais são muito similares, e algumas até idênticas, às equivalentes letras semíticas ocidentais[20].

Vê-se com isso que há um ancestral comum da escrita dos idiomas hebraico e grego. Além dos nomes similares das letras, o grego antigo possuía um equivalente do Vav derivado da escrita Proto-Canaanita:

> Além das letras que que preservaram as antigas formas Proto-Canaanitas, houve algumas que sofreram evolução maior ou menor a partir de seus protótipos semitas. (...) Foi sugerido que o Vav do século oitavo que comparece no *óstrakon* da Samaria pode ter sido o protótipo do *Vau* do grego arcaico. (...) O *Vau* deve ter-se desenvolvido a partir do Vav Proto-Canaanita de c. 1000 a. C., que também foi o ancestral do Vav hebraico.[21]

Entretanto, enquanto a escrita semítica não possuía vogais, os gregos adaptaram letras do alfabeto para este fim:

> Outra letra grega, o *upsilon*, υ, foi adotada da escrita fenícia após o século onze. (...) Ela foi a primeira letra suplementar, e serviu para representar a vogal *u*. Quando os gregos adotaram a escrita Proto-Canaanita, *usaram possivelmente o Vav* (o *Vau* grego) para escrever a consoante *w*, como o fizeram os canaanitas. (...) Quando os

[19] Não há menções de Ion em hebraico tanto no uso cotidiano (V. *e.g.*, M. Cohn, *Dictionnaire Hébreu-Français*. Paris: Larousse, 2009) quanto no Antigo Testamento, cf. W. Gesenius, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. (Trad. E. Robinson. Cambridge, Mass: Houghton, Mifflin & Co, 1906).
[20] Cf. J. Naveh, *Early History of the Alphabet: an Introduction to West Semitic Epigraphy and Palaeography*. 2ª Ed. Jerusalem: Magnus Press, 1997, p. 175.
[21] *Idem*, p. 182-3.

> gregos inventaram seu sistema de vocalização, as vinte e duas letras forneceram-lhe símbolos para *a* (*Aleph-alfa*), *e* (*He-epsilon*), *i* (*Yud-iota*), e *o* (*'Ayin-omicron*), porém não encontraram uma letra livre para usar como *u* (Vav-vau era usado no grego arcaico como consoante). Como os gregos sempre foram cientes da origem de seu alfabeto (cf. sua tradição), sempre que necessitavam de uma letra extra procuravam-na no alfabeto fenício. Então escolheram o Vav (...) como adequado para denotar *u*.[22]

Vemos assim que o equivalente grego do Vav era o *upsilon*, υ, mais precisamente do Vav com o *shuruk*, וּ., que desempenha o papel da vogal *u*.

Isto posto, passemos a analisar a palavra Ion em grego, Ιων, formada por um *iota*, ι, um *ômega*, ω, e um *nu*, ν. As letras *iota* e *nu* têm nomes assaz similares aos seus correspondentes hebraicos Yud e Nun, respectivamente; entretanto, o *iota* grego é uma vogal, ao passo que o Yud hebraico é consonante, mas desempenha o papel de *i* em conjunção com os sinais vocálicos. No caso do *ômega* ω, é um equivalente da vogal *o* longa, em contraste com o *ômicron* ο, que é a vogal *o* curta. Enquanto ômicron está associado ao hebraico 'Áyin com *cholem*, עֹ, a vogal ω tem como corresponde no hebraico ao *Vav* com *cholem*, וֹ. Assim, levando-se em conta as equivalências de letras hebraicas e gregas ora apontadas, podemos concluir que a estrutura da palavra Ion em grego é idêntica à raiz *YVN* de Iavan no hebraico!

Pelas análises precedentes torna-se evidente que Iavan está no núcleo do nome Ion, o que nos leva a concluir que o próprio personagem Iavan converteu-se em Ion para os autores clássicos, do mesmo modo que o nome Petros grego converteu-se no Petrus latino, no Pierre francês, no Pietro italiano e no Pedro português e espanhol, por exemplo. Isto mostra que tanto o povo hebreu quanto o jônico possuem um patriarca ancestral ou governante que lhe cedeu o nome, já que Iavan é sobrinho de Sem, de cuja família descende Abraão e Jesus Cristo, confirmando o que o texto bíblico já havia afirmado.

## V. Considerações finais

Neste pequeno ensaio mostrei que era costume entre os povos antigos nomear povos segundo o nome de um patriarca ancestral ou mesmo de um notável governante. Para tanto apresentei abundantes exemplos: Heleno, Doro, Ion, para apenas nomear alguns dentre os gregos, e Sem e Javan dentre os hebreus. O povo judeu chama Abraão de *Avraham Avinu*, "Abraão nosso pai". Como todos esses relatos não são arbitrários, mas contêm em si elementos da verdade histórica, descartá-los como simples ficções ou meras narrativas

[22] *Ibid.*, p. 184.

míticas equivale a literalmente macular a História ou, o que ainda é pior, moldá-la a serviço de algum propósito ideológico.

No caso específico do povo jônio as Escrituras apresentam, como vimos, um ancestral hebreu: Javan. Se para cristãos e judeus esta ligação é aceita como matéria de fé, demonstrei-a também por meio da razão ao analisar a estrutura dos nomes dos personagens por trás da formação do povo jônio tanto na Tradição judaico–cristã – Iavan – como na tradição clássica – Ion. Vimos que é a mesma raiz que subjaz a ambos os nomes em hebraico, e pela simples mudança dos sinais vocálicos convertemos Iavan em Ion. Ademais, o alfabeto grego, de origem comum com a do hebraico, permitiu-me mostrar que o vocábulo grego Ion converte-se na raiz hebraica de Iavan *YVN* por uma simples correspondência entre as letras gregas e suas equivalentes hebraicas à luz do alfabeto ancestral que permeia ambos.

Coincidência? A resposta só pode ser um contundente e tonitruante "não". A correspondência linguística alicerça o que está escrito nas Escrituras; ademais, o nome Ion comparece em *vários* textos clássicos, de variegados autores como Apolodoro, Pausânias e Estrabo. Se esta evidência ainda não for suficiente, ainda podemos evocar a raiz comum dos alfabetos hebreu e grego: ambos são derivados do alfabeto semítico ocidental, conforme vimos. Logo, a raiz do vocábulo de Iavan, *YVN*, fora a fonte de que os escritores clássicos empregaram para a narrativa da vida e dos feitos de Ion, de modo que o Iavan hebreu é exatamente o Ion grego. Isto nos permite concluir que a Fé no Deus de Israel e a Filosofia, longe de promanarem de fontes distintas, fluem de um mesmo manancial, da raiz constituída por um mesmo povo.

Encerro aqui fazendo menção ao trecho de uma obra de Gaston Bachelard:

> As palavras – imagino-as frequentemente – são como pequenas casas, dotadas de adega e sótão. O senso comum encontra-se no rés-do-chão, sempre pronto ao "comércio exterior" com o piso térreo alheio por onde passa o transeunte que jamais é sonhador. Subir degrau por degrau as escadas na casa da palavra é abstrair. Descer à adega é sonhar, é perder-se nos corredores longínquos de etimologias incertas, é procurar nas palavras tesouros que não podem ser encontrados. Subir e descer nas palavras mesmas, eis a via do poeta. Subir bem alto, descer bem baixo é permitido ao poeta que une o terrestre ao celeste. Será somente o filósofo condenado por seus pares a viver no rés-do-chão?[23]

Fazendo dele as minhas palavras finais, pergunto: *será somente o filósofo condenado por seus pares a viver no rés-do-chão*?

[23] Cf. G. Bachelard, *La Poétique del'espace*. 3ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1961, p. 139.